

## Visão e Corporeidade em Merleau-Ponty

### RESUMO

Trata-se de acompanhar em Merleau-Ponty a intersubjetividade como experiência de existência configurada na corporeidade, na experiência vivida, na visão e no corpo e em propagação no outro e no mundo. Mostrar, assim, em seu olhar sobre a visão e o corpo, um modo específico do pensamento. Portanto, pensar em Merleau-Ponty a visão como algo que fornece mais do que cores e, ainda, como algo que não se reduz à função do olho de ver; a corporeidade enquanto animação do espaço pictórico, presentificação da condição ambígua do ser no mundo.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty; Visão; Corporeidade; Pintura; Intersubjetividade.

### ABSTRACT

This article aims to follow the intersubjectivity in Merleau-Ponty as experience of existence set in corporeity, in vision and body, the spread on the other and the world. Thus showing through his point of view the vision and the body as a specific way of thought. Therefore, to reflect upon Merleau-Ponty, the vision as something that offers more than just colors and also as something that is not limited to the function of the eye to see; corporeity as animation of the pictorial space; presentation of the ambiguous condition of oneself in the world.

**Key words:** Merleau-Ponty; Vision; Corporeity; Painting; Intersubjectivity.

---

\* Mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Ao descrever as estruturas do comportamento, Merleau-Ponty destaca o seu interesse não só em mostrar que tais estruturas não se reduzem a uma forma atomista de estímulo físico e de contração muscular. Assim, examina o comportamento para além de uma perspectiva atomista e fisicalista. O comportamento é reconhecido enquanto exercício de corporeidade: "O espetáculo de uma consciência sob nosso olhar, o de um espírito que vem ao mundo." (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 323). Norteia os seus estudos principalmente para a conduta das expressões da vida, enquanto acontecimento. Sua postura crítica diante das noções, as quais tomam o comportamento de forma reducionista, anuncia uma nova configuração para o exercício do pensamento expresso na vivência corpórea no mundo e distante de reduções mecanicistas e psíquicas. Deriva então por esse viés o seu interesse pela noção de comportamento. Diz ele:

Cada organismo tem, pois, na presença de um meio dado, suas condições ótimas de atividade, sua própria maneira de realizar o equilíbrio, e as determinantes interiores desse equilíbrio, não são dadas por uma pluralidade de vetores, mas por uma atitude geral com relação ao mundo. (MERLEAU-PONTY, 2006a, p.232).

A noção de comportamento em Merleau-Ponty dirige-se às ações do corpo no mundo, porque parte do mundo. Não é, portanto, resultado do puro reflexo e estímulos físicos. A sua existência é significativa no conjunto dessas ações no mundo vivido. A expressão humana que é situação inerente ao comportamento, revela o modo de ser do comportamento. Merleau-Ponty, não ignora os reflexos, os estímulos, os fatores físicos e biológicos, enquanto realidades do comportamento. Uma das questões importantes que observa é que, se por um lado, esses não são fatores dispensáveis ao modo de ser do comportamento, por outro, limitam o sentido da sua ação no movimento do corpo nas coisas vividas. Nesse sentido, afirma:

As relações do indivíduo orgânico com seu meio são verdadeiramente relações dialéticas, e essa dialética faz surgir relações novas, que não podem ser comparadas com as de um sistema físico e com aquilo que o rodeia, nem mesmo enten-

didadas quando reduzimos o organismo à imagem que a anatomia e as ciências físicas dele apresentam. (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 232).

Assim, percebe, através do comportamento, a atividade humana em seu potencial criativo, principalmente no que concerne a sua capacidade de superar e criar estruturas na experiência vivida, na experiência da percepção. Aliás, é justamente o mundo percebido em percepção que diz a Merleau-Ponty sobre a estrutura. São as significações do mundo percebido, que expressam realidades estruturais manifestas na corporeidade. É através do corpo que o ser de forma sensível efetiva-se no mundo. É na originalidade da experiência corporal, que "redescobre a unidade fundamental do mundo como mundo sensível." (CHAUI, 1980, p. XI). Mostra que o ser, efetiva-se no mundo de forma sensível e deve ser apreendido com os sentidos enquanto expressão de existência, enquanto vivência corpórea.

Pode-se dizer que o corpo é a forma escondida do ser próprio ou, reciprocamente, que a existência pessoal é a retomada e manifestação de um ser em situação. (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 229).

O corpo no seu entendimento é espaço e luz para a visão. O ato de ver se realiza no mundo através da corporeidade sem destituir da visão sua especificidade de ser visão. Ela é em si mesma, mas sempre em consonância com o corpo. "O corpo que anima não é para ela (a visão) um objeto entre os objetos, e ela não deduz todo o resto do espaço a título de premissa implicada." (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 44) É relevante frisar que Merleau-Ponty retoma o conceito de espaço como lugar do corpo, entendendo assim que o corpo como em uma anterioridade habita o espaço, na medida em que o qualifica. Porque o corpo é corpo /corporeidade e dessa forma situa o espaço. "O corpo é para a alma o seu espaço natal e a matriz de todo o espaço existente." (MERLEAU-PONTY, 1997, p.45). Não é o espaço como unidade de relações conforme entende Descartes que interessa a Merleau-Ponty. A sua atenção está voltada para o movimento da corporeidade/mundo e dessa forma é que examina as especificidades do movimento da visão e do corpo.

Sobre isso, afirma:

A coisa e o mundo me são dados com as partes do meu corpo não por uma "geometria natural", mas em uma conexão viva comparável, ou antes, idêntica à que existe entre as partes de meu próprio corpo. (MERLEAU-PONTY, 2006b, p. 276).

O mundo nos envolve e também é envolvido por nosso corpo.

Em Merleau-Ponty, o cálculo da espacialidade acontece na corporeidade, pois essa é sempre inter-relação corpo/visão/mundo. "Não se trata, doravante, de falar do espaço e da luz, mas de fazer falar o espaço e a luz que aí estão." (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 48-49). O espaço e a luz falam através do corpo que sente o mundo, porque também é um sentido do mundo; porque o corpo é sujeito de percepção. Nele a percepção se realiza em uma constante comunicação de vivência recíproca, corpo e mundo, pois

Percebo comportamentos imersos no mesmo mundo que eu habito, porque o mundo que percebo arrasta ainda consigo a minha corporeidade, porque minha percepção é impacto do mundo e influência dos meus gestos sobre ele, entre as coisas visadas pelos gestos do adormecido e esses gestos mesmos, na medida em que ambos fazem parte do meu campo, há não apenas a relação exterior de um objeto com um objeto, mas do mundo comigo, impacto, como de mim com o mundo, conquista. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 171).

Desse modo na experiência corpórea, olhar e ver expressam um pensamento em ação, em movimento na experiência vivida. Quando elege a visão e o corpo em suas reflexões, Merleau-Ponty evidencia o olhar inerente à corporeidade. Retoma a experiência da visão e do corpo na experiência do pensamento como vivência da corporeidade. É assim que se refere ao tratar o comportamento, o corpo, a carne, o quiasma.

É importante destacar que, se por um lado, os seus últimos escritos são mais fortemente marcados por uma perspectiva ontológica e mais distantes de uma filosofia da consciência; por outro, é significativo lembrar que persiste no conjunto de sua obra a recusa pela cisão sujeito objeto e uma acentuada preocupação com um

pensamento que se faz da inter-relação visão/corporeidade/mundo, sujeito/mundo; que tem o seu *locus* na experiência vivida. Conforme lembra Chauí, começa com a relação do corpo consigo mesmo e se estende a outros prolongamentos da vida.

A descoberta do corpo reflexivo e observável leva Merleau-Ponty a mostrar que a experiência inicial consigo mesmo é uma experiência em propagação e que se repete na relação com as coisas e na relação com os outros. (CHAUI, 1980, p. X).

Merleau-Ponty se afasta, portanto, do pensamento operatório que, ao considerar o mundo e a cultura dados absolutos, deixa de lado o solo do mundo sensível e do mundo trabalhado. Realidades presentes no corpo "atual", na historicidade constante da vida, em que os diversos corpos se atualizam e se reconhecem, como bem afirma o autor:

É necessário que com o meu corpo despertem os corpos associados, os outros, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que eu assombro, com os quais comungo um ser único atual. (MERLEAU-PONTY, 1997, p.16).

Portanto, olhar e visão não se reduzem ao ato de ver nem a um único tipo de olhar. Não são redutíveis ao sentido muscular quanto a ação de perceber o mundo, pois estão além dos dados visuais. O ato de ver se encontra onde a visão lá está como um "visível virtual." (Idem., p.25), como potência e latência do corpo em suas diversas significações. É assim, por exemplo, o modo através do qual examina a dimensão corpórea e suas inter-relações com o pictórico.

O olho vê o mundo, e aquilo que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele próprio, e, sobre a paleta, a cor que o quadro espera, e vê, uma vez feito, o quadro que responde a todas essas faltas, e vê os quadros dos outros, as respostas outras a outras faltas. (Idem., p. 25).

Nas artes em geral e, mais especificamente, na pintura, Merleau-Ponty examina a visão que mostra o mundo da percepção; uma forma de olhar revelado por nossos sentidos na experiência vivida através da corporeidade. Diz ele:

Quando, em nossas conversas anteriores, procuramos reviver o mundo percebido que os sedimentos do conhecimento e da vida social nos escondem, muitas vezes recorremos à pintura, porque esta torna a nos situar imperiosamente diante do mundo vivido. (MERLEAU-PONTY, 1997).

O olhar da pintura em Merleau-Ponty é existência visível ao que a tradição racionalista considera a partir do pensamento, que sobrepõe o olho que vê e que reduz o ato de ver ao ato puro de pensar.

Por esse ângulo, a arte e, de modo particular, o pictórico estão fundamentados em um sentido bruto, em uma esfera pré-reflexiva. (Idem., p.16). Um acontecimento do olhar e do corpo. "Só se vê aquilo para o qual se olha." (Idem., p.19). O olhar na pintura é consequência do olhar do corpo operante e atual. O corpo, embaralhamento de visão e movimento. Se o pintor olha alguma coisa no mundo é a sua corporeidade em movimento: "É emprestando seu corpo ao mundo que o pintor transmuta o mundo em pintura." (Idem.). O pintor não capta assim a experiência. A experiência vivida é experiência de visão corpórea, que o pintor converte em pintura. Vendo porque é tocado por ela. Assim se expressa Merleau-Ponty, referindo-se a Cézanne: "A verdade é que esta obra a fazer exigia esta vida." (MERLEAU-PONTY, 1980. p. 122). O enigma da pintura é desse modo o enigma do corpo. Não do corpo no concernente aos seus reflexos musculares, mas do fato de que o corpo e as coisas são feitos do mesmo tecido. O olhar da pintura é por esse viés visibilidades do mundo, porque invisibilidade, interrogação. "É a própria montanha que, dali, se dá a ver ao pintor, é ela que ele interroga com o olhar." (MERLEAU-PONTY, 1997, p.27).

Visão que vê, mas também é vista. Vê porque é vista. O corpo que vê, que é móvel vidente, que sente e, ao mesmo tempo, é visto, tocado e sentido. Move-se porque é movimentado; sente-se porque é um sentido em si mesmo e na relação com o mundo. Se o pintor capta alguma experiência é porque está nele reconhecida como pré-reflexão. Para Merleau-Ponty não se trata de um ato isolado do pensamento, está no pensamento. A visibilidade presente na pintura está, também, nela introjetada e renova-se constantemente de forma contínua no corpo e na relação corpo/mundo.

O meu movimento não é uma decisão do espírito, um fazer absoluto que decretaria, do fundo do isolamento subjetivo, qualquer mudança de lugar miraculosamente executada no espaço. Ele é sequência natural e maturação de uma visão. Digo de uma coisa que ela é movida, mas o meu corpo, ele, move-se, o meu movimento desdobra-se. (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 20).

São considerações que possibilitam pensar uma dimensão de alteridade no que tange ao sentido ontológico em Merleau-Ponty. Um sentido que confere existência às relações entre o pintor e o mundo e entre o mundo e o pintor e que, assim, aprofunda uma ontologia do outro através do ser, pois

Não haveria outros para mim, nem outros espíritos, se eu não tivesse um corpo e se eles não tivessem um corpo pelo qual pudessem penetrar em meu campo, multiplicá-lo por dentro, e mostrar-se a mim expostos ao mesmo mundo, às volta com o mesmo mundo que eu. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 172).

É assim que nos diversos desdobramentos corporais o outro pode ser reconhecido. Na experiência vivida, o corpo do outro, que é também meu corpo, se converte em pintura como desdobramento de um corpo próprio propagado em carne do mundo. Em ser, negação e afirmação; "Ser-visto": não o Ser em si, mas o ser percebido e percebedor. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 227). A pintura é, portanto entendida, enquanto forma de visão que acontece na relação com o corpo, com as coisas, com o mundo e, portanto, com o outro porque experiência de intercorporeidade.

O gesto pictórico possibilita, assim, interrogar: o que é a pintura sem o espaço corpóreo que os anima? O que é o espaço sem a efetuação do ser que os qualifica em suas diferenças? Sem a visibilidade do mundo que vem até o pintor, mas que será expressa quando por essa visibilidade também for vista. Deixar-se ser visto pelas coisas do mundo é o que percebe Merleau-Ponty. Direciona-se, portanto, para além de um modelo de visão cujo pressuposto é o tácito. A cor, ornamento coloração que situa o essencial da visão no puro ato de pensar. A visão, em suas análises, revela-se uma forma de

ação que se atinge a si mesmo de forma ambígua. (MERLEAU-PONTY, 2006b, p.503). Emerge no meio das coisas e persiste nas mesmas. É nesse processo de ambigüidade que deve ser entendida. Conforme Merleau-Ponty, presente no acontecer da vida, nos entrelaçamentos da experiência do mundo vivido e não no reconhecimento absoluto das coisas e da vida, através de um pensamento também absoluto, que pretende revelar o que elas são. Nesse sentido, a ambigüidade equilibra o acontecer da corporeidade/mundo. Situa a realidade do ser no mundo em um mesmo tecido, sem destituí-lo de suas propriedades e especificidades.

Portanto, a linguagem da pintura não é investida do estatuto de natureza, precisa ser feita e refeita através da experiência perceptiva que, por sua vez, é condicionada ao corpo. É atividade e experiência do corpo enquanto modo de olhar, enquanto abertura e enquanto interrogação. Sobre isso, afirma o autor:

A abertura para o mundo supõe que o mundo seja e permaneça horizonte, não porque minha visão o faça recuar além dela mesma, mas porque de alguma maneira, aquele que vê pertence-lhe e está nele instalado. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.101).

É nessa conotação, que para Merleau-Ponty não basta pensar para ver e que a visão aproxima-se de uma forma de pensamento:

O corpo que anima não é para ela (a visão) um objeto entre objetos, e ela não deduz todo o resto do espaço a título de premissa implicada. Ela pensa segundo o corpo, não segundo si mesma, e no pacto natural que a une a ele estão estipulados o espaço, a distância exterior. (MERLEAU-PONTY, 1997, p.44.).

A visão é sempre implicada no acontecer do corpo e do mundo. Emerge na experiência vivida e é campo de ação da experiência vivida. É sempre em ato. Portanto, diversas formas de visão, diversos modos de olhares, dentre esses, aquele olhar, aquela visão, que diz sobre o pensar, sobre o sujeito no mundo. "A visão é o encontro, como numa encruzilhada, de todos os aspectos do ser." (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 68). Suas diversas perspectivas são aberturas ao ser, modos de expressão da profundidade, de ação simultânea.

O acontecimento do ser no mundo, para Merleau-Ponty é reconhecido no corpo de forma sensível, entretanto, não se reduz aos dados sensíveis. Esses revelam perspectivamente propriedades do objeto ao mesmo tempo em que revelam o caráter inesgotável e oculto das coisas. A pintura testemunha esse constante encontro do corpo e do mundo. Merleau-Ponty nos convida a apreendê-lo em perspectiva.

A perspectiva não me aparece como uma deformação subjetiva das coisas, mas ao contrário como uma de suas propriedades, talvez sua propriedade essencial. É essa perspectiva que faz que o percebido possua nele mesmo uma riqueza oculta e inesgotável. (MERLEAU-PONTY, 2006a, p. 203).

Os vários ângulos das coisas são manifestações das coisas, com as quais o corpo interage e assim revelam dados sobre as coisas sem esgotá-las. A perspectiva no entender de Merleau-Ponty, revela que no mundo e nas coisas há muito a ser mostrado:

Os perfis da minha escrivantina não se oferecem ao conhecimento direto como aparências sem valor, mas como manifestações da escrivantina. (Idem., p. 288).

No entanto as coisas não são a sua maneira de aparecer, nem são os juízos que se fazem delas. A relação coisas e manifestações, coisas e perspectivas interagem com a consciência da realidade, enquanto percepção mediada pela corporeidade, acontecimento interior ao corpo, consciência perceptiva. "O Espírito não utiliza o corpo, mas se faz através dele." (Idem., p. 323).

É desse modo que, para Merleau-Ponty a classificação lógica das coisas não diz necessariamente o que são as coisas: "Ora, é quando os objetos me dão a impressão originária do "sentido", quando têm essa maneira direta de me atacar, que os chamo de existente." (Idem., p. 327). Quando analisa a pintura em suas perspectivas, situa ao mesmo tempo a esfera da continuidade e da diversidade. Evidencia formas variadas de olhares que em ambigüidade inerente às características de suas existências, não dizem tudo sobre a coisa, mas dizem sobre a coisa em prospecção, sobre o ser em abertura à visão, um mundo sempre continuado.

A perspectiva da Renascença não é um artifício infalível: não passa de um caso

particular, uma data, um momento de uma informação poética do mundo que continua depois dele. (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 43).

Com Merleau-Ponty, torna-se possível observar que, na continuidade do ser no mundo, persiste sempre o instante de alguma significação. Cada significação possui assim uma originalidade específica e dessa forma continuamos a ver a sua ausência em novas significações em novas perspectivas.

Merleau-Ponty orienta-se para a perspectiva vivida, aquela de nossa percepção. Aquela que dialoga com a profundidade e que Cézanne procurou no ato de pintar: o odor, o aveludado, a dureza dos objetos, a expiração do ser.

Os pratos ou as taças colocadas de perfil sobre uma mesa deveriam ser eclipses, mas os dois extremos da eclipse são exagerados e dilatados. (MERLEAU-PONTY, 1980, p.116).

Na visão merleau-pontyana, Cézanne, está em busca da expressão de coerência com o mundo vivido naquilo que lhe é próprio e não dado. Cézanne atina sobre a experiência original das coisas e do mundo. Conforme recorda Damon, Merleau-Ponty reconhece o motivo pelo qual, Cézanne lida justamente com o que a perspectiva geométrica toma como deformação do ser. A sua recusa à perspectiva geométrica, é em favor de maior compromisso com o fenômeno, com o mundo da percepção. (MOUTINHO, 2006, p. 347).

A perspectiva, em Merleau-Ponty, deve, portanto, ser compreendida na especificidade do mundo percebido. É dimensão do oculto que se mostra, mas abre-se à interrogação e à infinitude das coisas e do mundo. É uma espécie de ação ininterrupta de desvelamento das coisas em si, mas que ao mesmo tempo não são o si mesmo, pois se dão na comunicação com o mundo vivido. Trata-se de uma percepção da profundidade. Entendendo a profundidade conforme Merleau-Ponty:

O meio que tem as coisas de permanecerem nítidas, ficam coisas, embora não sendo aquilo que olho atualmente. É a dimensão por excelência do simultâneo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.203).

Particularidade e integração com o mundo, com um “[...] poder ontológico mais amplo.” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.38). É em ato. Nunca dá a ver totalmente, mas ao mesmo tempo é campo de possibilidade de uma totalidade do que se pode ver. Vemos porque interagimos com as coisas, com o mundo das formas mais variadas ao mesmo tempo definidas pelos códigos da nossa corporeidade. A perspectiva é, portanto, um dos modos da profundidade em visão, em ato de ver. Um dos modos da simultaneidade do movimento das coisas e do mundo, em constante abertura e interrogação. Modos através dos quais as coisas emergem sem se esgotarem.

A coisa vivida não é reencontrada ou construída a partir dos dados dos sentidos, mas de pronto se oferecem como o centro de onde se irradiam. (MERLEAU-PONTY, 1980, p.118).

A pintura afirma Merleau-Ponty, exemplifica esse complexo sistema de trocas entre o corpo e a visão.

Qualidade, luz, cor, profundidade, que estão ali perante nós, só lá estão porque despertam um eco em nosso corpo, porque ele as acolhe. (MERLEAU-PONTY, 1997, p.23).

Parece, assim, expressar o acontecer da visão no meio das coisas.

Eu que vejo, também possuo a minha profundidade, apoiado nesse mesmo visível que vejo, e, bem sei, se fecha atrás de mim. Em vez de rivalizar com a espessura do mundo, a de meu corpo é, ao contrário, o único meio que possuo para chegar ao âmago das coisas, fazendo-me mundo e fazendo-as carne. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.132).

Merleau-Ponty privilegia, assim, o movimento da vida, a irredutibilidade do seu acontecer; a inter-relação corpo/visão/mundo, enquanto abertura e interrogação. Reaprendendo a ver o mundo, pensando com o mundo. O seu pensamento não se desloca do *lócus* que providencia a sua razão de ser: a relação corpo/visão/mundo; a intersubjetividade humana vivida nas diversas relações com as coisas, com o outro, com o mundo. Relações sempre lacunares e ao mesmo tempo latência de significação. O pensamento revelando-se em situação.

## Referências Bibliográficas

CHAUI, Marilena. In: *Merleau-Ponty, textos escolhidos*. Organização, tradução e comentários, Marilena Chauí. São Paulo: abril cultural 1980. (Coleção os Pensadores),

\_\_\_\_\_. *Merleau-Ponty, vida e obra*. Tradução, Organização e Comentários Marilena Chauí. São Paulo: abril cultural, 1980.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do comportamento*. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Tradução Constança Marcondes César. Campinas: Papirus Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da percepção*. Tradução. Reginaldo de Pietro. São Paulo: Freitas Bastos, 2006b.

\_\_\_\_\_. *A dúvida de Cézanne*. In: *Merleau-Ponty*, Tradução, Alfredo Aguiar. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. Tradução José Arthur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. *Elogio da filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

\_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. Tradução Luís Manuel Bernardo. São Paulo: Editora Passagens, 1997.

\_\_\_\_\_. *Conversas – 1948*. Organização e notas, Stéphanie Ménasé. Tradução, Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo, Martins Fontes, 2004. p. 55

\_\_\_\_\_. *A prosa no mundo*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

MOUTINHO, S. Luiz Damon. *Razão e experiência. Ensaio sobre Merleau-Ponty*. São Paulo: Fapesp, 2006.